**Diário de bordo**

Alessandra R. A. Voigt



*Inicio meu diário com a obra de uma artista que descobri no caminhar da disciplina – Luciana Mariano. Curiosamente suas obras passaram a ilustrar com perfeição o que desejava demonstrar e assim virei uma admiradora, não apenas dos seus quadros como também do seu posicionamento político. Esse quadro se chama “A partida – ou – Quando você começa a se parecer com a mobília é hora de mudar”.*

*Também preciso mudar.*

**Confissão**

Começarei este diário com uma confissão: tratam-se de memórias resgatadas no término do processo e não descritas durante os acontecimentos, como deveriam ser. Para quem ainda não é capaz de utilizar uma simples agenda, escrever relatos antes da compreensão do processo foi uma tarefa extremamente difícil (e confesso que não consegui realizá-la como deveria).

Não havia compreendido a diferença entre anotações de aula e o diário de bordo, tampouco sua importância, até a leitura do capítulo 4 do livro “*Processos de ensinagem na universidade* – Cap. 4: *Portfólios como instrumentos de avaliação dos processos de ensinagem*”. Neste ponto compreendi que é importante documentar o processo de alguma forma para que possamos entendê-lo e assim sermos capazes de aprimorá-lo, deixando de lado estratégias que não foram bem sucedidas. O acompanhamento do processo lógico com a inclusão de informações pessoais, sentimentos, sensações é uma atividade que nunca havia pensado em fazer, mesmo porque sempre fui refratária à possibilidade de ter um diário – principalmente pela possibilidade dos meus pensamentos serem violados sem autorização. Sim, tenho problemas de confiança... mas pelo menos os de controle já foram um pouco superados – ainda que à força. ☺

Embora já tenha o costume de resumir resultados de trabalhos técnicos, tive muita dificuldade de fazer os fichamentos e acabei me atrapalhando no processo, principalmente pela minha autocrítica paralisante. Durante a primeira semana percebi que se tentasse fazer os fichamentos como gostaria eu não conseguiria ler os textos que desejava. Após uma tentativa frustrada de fazer o fichamento de dois textos, que resultou em uma mera compilação de recortes, acabei decidindo-me por priorizar a leitura, o que me ajudou muito. Entendo que negligenciei uma tarefa importante, mas confesso que ajudou a aquietar minha ansiedade e a aproveitar melhor a caminhada. No entanto, reconheço a importância de fazê-la para facilitar o resgate de ideias e bibliografias (principalmente para textos reflexivos), assim como tenho a consciência de que a tarefa será facilitada quanto mais for exercitada. Por hora, reconheço minha falha.

 **Primeira aula, dia 03 de outubro**

Período da manhã

Iniciamos a disciplina com a proposta de expressarmos em desenhos ou esquemas como seria nossa universidade dos sonhos e como enxergamos a universidade atual. Na sequência, elaboramos um texto sobre nossas experiências sobre educação e ensino superior.

A proposta resultou na apresentação de visões muito interessantes, sendo apresentadas para e entre os colegas, juntamente com cada biografia.

Vejo a universidade dos sonhos como uma árvore colorida, da qual participam pessoas com uma grande diversidade de histórias de vida, opiniões, facilidades, dificuldades, gostos, sendo um lugar que todos que desejassem pudessem participar. O colorido desta copa seria registrado em sua história, no caso, o tronco, também colorido e diverso. Enxergo a universidade atual como uma árvore em que a diversidade se restringe a matizes de cinza, ou seja, gradações de um tipo único, permeado por poucas folhas de cores distintas. Sua história (tronco) retrata também a pouca diversidade em tons de cinza.

Minha experiência no ensino superior encontra-se descrita no texto abaixo.

*Cursei Engenharia Florestal nesta universidade, embora não tenha sido minha primeira escolha. Quando cursei o ensino médio não havia aulas de filosofia, e este era um tema que me fascinava, embora não tivesse nenhum conhecimento prévio. No vestibular concorri a vagas no curso de filosofia em duas universidades (USP e Unicamp) e em ecologia (Unesp). Passei na prova junto com uma grande amiga do ensino médio, e fomos nos matricular na USP de São Paulo, ela em geologia e eu em filosofia. Não sofri trote, mas infelizmente ela passou por uma situação muito grave de abuso durante o trote, e isso a fez desistir de sua vaga – e eu da minha. Isto ocorreu em 1999, e em poucos dias soubemos da morte de um calouro de medicina durante o trote, fato que nos abalou muito.*

*Na dúvida entre ecologia e filosofia acabei optando pela segunda, motivada também pela recepção durante a matrícula, uma vez que me descontentei com a prática do trote na Unesp. Curiosamente as recepções no curso de filosofia eram brandas e mais acolhedoras, destoando dos demais cursos. Ao iniciar o curso notei um certo abandono, uma vez que alguns professores desconheciam o fato de que éramos ingressantes. Foi uma experiência transformadora, em que oscilei entre uma profunda satisfação e um sentimento muito forte de completa e total ignorância. Passei a me sentir intelectualmente incapaz de dar continuidade aos estudos nesta área, e isso fez com que eu abandonasse o curso durante a greve de 2000. Passado algum tempo tive a consciência de que não consegui suportar a possibilidade de ser ruim em algo que admirava tanto e, se tivesse sido mais compreensiva comigo mesma não teria tornado o período tão sofrido com minhas cobranças.*

*Em 2001 ingressei no curso de Engenharia Florestal da Esalq, mas a experiência que tive durante a recepção não foi muito positiva. Embora a universidade já tivesse iniciado um movimento contra o trote, essa prática era muito consolidada no campus. Por já ser de uma natureza fechada, passei boa parte do curso em uma postura defensiva e pouco aberta. No entanto, com o passar do tempo, fui me afeiçoando a alguns colegas e passamos a nos apoiar mutuamente durante o desenrolar das disciplinas e em alguns trabalhos. Foram muitas noites de estudo e cansaço extremo, mas foi um grande aprendizado de companheirismo, superação e amizade.*

*Com o término da graduação iniciei minha preparação para o mestrado. Decidi buscar outras universidades, pois gostaria de vivenciar experiências distintas das que tive durante minha graduação. Optei fazer meu mestrado em botânica na UFPR, que também foi uma experiência que me ensinou muito, embora tenha sido extremamente desgastante do ponto de vista psíquico e ético. Após a conclusão passei por alguns problemas pessoais e decidi abandonar a academia. Trabalhei em campos diversos, e após conseguir uma bolsa de pesquisa no Jardim Botânico do Rio de Janeiro passei a considerar o retorno para a universidade. Quando havia decido retomar os estudos consegui passar em um processo seletivo do Serviço Florestal Brasileiro, em Brasília. Quando estava prestes a completar 3 anos na instituição decidi retomar meu projeto de doutorado, escrito e deixado de lado há mais de 5 anos. Ingressei na última seleção e estou me readaptando a uma universidade muito diferente daquela que deixei há onze anos. Fiquei muito feliz em ver as mudanças positivas que ocorreram nos últimos anos e confesso estar muito apreensiva com a sombra dos retrocessos que pairam sobre o país. Espero que a universidade não perca o pouco do colorido que ganhou nos últimos anos.*

Achei muito confortante e acolhedor ouvir relatos tão diferenciados de experiências acadêmicas por parte dos colegas da disciplina. Todas as histórias foram muito inspiradoras de maneiras distintas e me senti agradecida por ter participado deste momento.

Período da tarde

No período da tarde foi apresentada a proposta da disciplina, com a divisão em duplas, suas tarefas e apresentação dos trabalhos. Na sequência lemos de forma conjunta dois textos sobre a universidade, sendo um do ex-reitor da USP, Jacques Marcovitch e outro referente à introdução do livro “O ensino Universitário”, de Miguel Zabalza. Os cinco capítulos do livro foram distribuídos entre as duplas para discussão na próxima aula (10/10). Foram também fornecidos textos diversos, em que cada estudante selecionou 3 de seu interesse, para a realização de leituras e fichamentos. Ao final, escrevemos nossas felicitações, perguntas, críticas e propostas sobre o que vivenciamos no primeiro encontro.

Após o término da aula, me questionei profundamente se teria condições de acompanhar a disciplina, suas atividades e as que já estavam em andamento. Tive muito receio de não compreender o conteúdo pela falta de conhecimento em educação, nos seus conceitos e vocabulário próprios. Durante a semana tentei realizar os fichamentos, mas não consegui concluí-los de forma satisfatória. Neste momento decidi apenas ler os textos, que se mostraram muito interessantes e despertaram minha vontade de ler cada vez mais, algo que me faltava há algum tempo.

Li o texto do Otto Maria Carpeaux “A idéia das Universidades e as idéias das classes médias” e me lembrou muito das teorias do Jessé Souza sobre nossa classe média (enquanto conceito e não faixa de rendimento). Lembrei-me também do posicionamento defendido com veemência pela Marilena Chauí ao categorizar o que ela chama de “nova classe trabalhadora” como simplesmente “classe média”. Há um ideário envolvido no conceito de classe média que é visto de forma bastante pejorativa. Este texto ajudou a unir algumas pontas soltas.

A crítica sobre a transformação das universidades de Carpeaux se relacionou muito bem com as colocações de Garaudy ao cientificismo e seu “saber como” em oposição ao “saber o quê”. Embora em uma leitura mais afobada pareça a defesa de um elitismo nas universidades, entendo mais como uma preocupação motivada pela forma com que a ciência é feita, sem uma reflexão do seu propósito e como mera reprodutora de ideias consolidadas. A universidade enquanto ideia e não meramente um espaço, defendida por Carpeaux, também surgiu no texto de Francisco Imbernón (La formación ante los retos del siglo XXI).

De um modo geral, todas as leituras se conversaram de forma muito envolvente, mas como boa personalidade intuitiva não fui capaz de fazer anotações. Preciso trabalhar melhor na minha “saída” de ideias, principalmente para reconhecer melhor algumas associações esdrúxulas que acabo fazendo enquanto penso que entendi tudo.

**Segunda aula, dia 10 de outubro**

Período da manhã

Foi apresentada a resenha da aula anterior pela dupla Gleice e Ricardo. Foram relembrados os temas da aula anterior e sugeridos filmes e livros.

Formamos grupos para dividirmos as impressões sobre as leituras distribuídas no dia anterior, bem como quais seriam os passos iniciais para construirmos a universidade dos sonhos no que tocante à utopia, políticas públicas e pedagogia. Em meu grupo dividimos as impressões sobre os capítulos que lemos do livro do Zabalza. Minha intenção era fazer um resumo do meu capítulo para disponibilizar para quem leu os demais, mas infelizmente não consegui lidar adequadamente com as demandas. Acho que isso pode ter atrapalhado meus colegas.

Foram apresentadas as opções para o período da tarde, sendo uma delas participar de um ciclo de debates na câmara de vereadores e outra participar da Esalqshow. Combinamos de fazer o fechamento da aula no Engenho Central.

Período da tarde

Assisti ao ciclo de debates "Pensando o Território - Educação Ambiental”, na câmara municipal de vereadores. Foram realizadas apresentações sobre revolução, recuperação de nascentes, plano de logística reversa do município e apresentação do ministério público sobre a questão legal de ocupação dos territórios e impactos ambientais.

O que mais me chamou a atenção foi a questão das terras reservadas para especulação imobiliária, enquanto há ocupações em áreas de proteção ambiental. Fiquei surpresa de saber a dimensão deste problema em Piracicaba. Lembrei-me de uma palestra da urbanista Ermínia Maricato, que alertou para o fato das ocupações ocorrerem em áreas protegidas justamente por não possuírem valor imobiliário. Nestes casos, o poder público “ignora” tais ocupações, uma vez que não afetam os interesses dos grandes grupos imobiliários. Com isso, além de já se encontrarem em situação de extrema vulnerabilidade, recai sobre estas pessoas a responsabilidade pela degradação do ambiente, enquanto não se questiona o porquê de não terem direito a moradia nas inúmeras áreas dentro da cidade que não cumprem sua função social. Enfim, me lembrei disso durante a fala da promotora e da vereadora, principalmente quando a última afirmou que essas pessoas não teriam “amor à natureza”. Foi levantada também a questão de terrenos destinados ao programa “Minha casa, minha vida” serem em áreas de proteção permanente, o que me fez pensar a quem pertencia(m) tais terrenos e qual o valor pago.

Ao final, nos dirigimos ao Engenho Central para a apresentação da resenha da parte da manhã pelo trio Flávia, Cátia e Lucas, bem como para o encerramento da aula. Foram apresentadas as propostas iniciais de cada dupla para o projeto final e distribuídos livros e exemplares da revista Adusp (com foco no produtivismo acadêmico) para leitura. Solicitou-se que fossem realizadas leituras do livro “Processo de ensinagem na Universidade” e “A revolução somos nós”, que considerei incríveis e inspiradores, mas que novamente não fiz anotações.

**Terceira aula, dia 17 de outubro**

Esta aula foi destinada à definição e elaboração do projeto final. Eu e Michelle nos reunimos para pensarmos em um tema, chegando ao entendimento de que seria interessante falarmos sobre plantas de interesse em geral, abrangendo medicinais, para alimentação, ornamentais, dentre outras. Definimos o tema e começamos a delinear a proposta do curso.

**Quarta aula, dia 24 de outubro**

Período da manhã

Foi apresentada a síntese da aula anterior (período da tarde) pelo trio Natália, André e Muriel. O grupo propôs uma dinâmica muito bonita e sensível, na qual líamos e ouvíamos poemas declamados pelos colegas. Ao final ouvimos todos juntos a declamação de um poema. Foi um momento muito enternecedor que me sensibilizou muito.

Na sequência formamos grupos para elaborarmos e apresentarmos três perguntas e três afirmações sobre o ensino, que foram apresentadas e debatidas entre nós. Foi-nos solicitado que elaborássemos uma apresentação teatral ou esquete sobre as perguntas e afirmações que foram elaboradas no período da tarde.

Período da tarde

Eu e Michelle ficamos responsáveis pela elaboração da síntese do período da manhã, a qual apresentamos no início da tarde. Em seguida propusemos uma dinâmica de meditação voltada ao estabelecimento de um vínculo entre nós.

Tivemos um tempo para elaborar a apresentação, e nos unimos em um grupo com a dupla Carol e Tatiana. As apresentações foram todas muito criativas, sendo que praticamente todas focaram no ambiente da sala de aula, exceto a elaborada pela dupla André e Natália, que representou a angústia que sentimos perante as demandas que nos são apresentadas. Foi uma representação muito impactante, da qual me lembrei todas as vezes em que me sentia assoberbada pelas minhas próprias cobranças.

Mas, sinceramente, não gostei de fazer o teatro. E se não tivesse sido “resgatada” pelas colegas eu não teria o que apresentar...

Na sequência combinamos sobre as apresentações dos projetos que seriam realizados na próxima semana.

**Quinta aula, dia 24 de outubro**

Período da manhã

A síntese da aula anterior foi realizada pela dupla Carol e Tatiana, que também propuseram uma dinâmica muito agradável de movimentarmos o corpo e com isso trabalharmos amarras mentais e energéticas. A dupla também nos presenteou com a exibição de uma animação muito comovente sobre o processo de aprendizado e a relação entre mestre e aprendiz. O vídeo me fez pensar que, embora possamos dominar a técnica através da prática e disciplina, nossas obras só ganham vida quando somos capazes de colocar uma parte de nós naquilo que fazemos – assim conferimos sentido ao que fazemos, colocando o nosso sentimento nas nossas ações.

A primeira apresentação foi realizada pelo grupo composto pela Gleice, Ricardo, Andressa e Caio. A proposta consistiu na realização de uma disciplina sobre “Processo cognitivo e prático da responsabilidade social universitária”, a qual apresentaria as iniciativas em extensão realizadas pelo departamento, promovendo um maior conhecimento e despertando interesse em participar da prática extensionista como um exercício de responsabilidade social.

A segunda apresentação foi realizada pelo grupo composto pela Cátia, Lucas e Flávia, consistindo na proposição de um curso sobre unidades de conservação para professores da rede pública. Foi uma apresentação muito bonita e criativa, que utilizou cartões coloridos ao invés de apresentações eletrônicas, finalizando em um painel colorido e muito atrativo. O que mais chamou a atenção foi a proposta de formar “jardineiros” através de metodologias plurais que levem em consideração o pensar, sentir e querer.

Período da tarde

A síntese das apresentações da manhã foi realizada pela dupla Daniel e Cris, que relembraram os pontos principais e nos presentearam com o vídeo de uma palestra de título “A morte é um dia que vale a pena viver”, proferida por uma médica responsável pelo tratamento paliativo de doentes terminais. Foi um vídeo muito emocionante que colocou em perspectiva a forma que vivemos, bem como a transformação que somos capazes de realizar quando mudamos nosso olhar e enfoque sobre o que fazemos. O vídeo sensibilizou sobre a necessidade de oferecermos o melhor de nós em cada atividade que realizamos, mesmo que essa atividade seja simplesmente ouvir com atenção, respeitar ou ser empática com os sentimentos do outro. Houve ainda a sugestão de livros e vídeos.

A terceira apresentação do dia foi realizada pela Cris, que propôs a realização de um curso de extensão em ecologia e restauração florestal, com foco na disseminação de boas práticas de campo. A proposta foi muito proveitosa por focar na documentação e disseminação de boas práticas e dicas que interferem diretamente na qualidade do trabalho e cujo desconhecimento pode invalidar resultados. O curso também teria uma perspectiva dupla – de formação e treinamento, tendo sido ressaltado na discussão que o treinamento é parte da educação.

A quarta apresentação, realizada pela Samira, consistiu na proposição de uma disciplina de introdução ao ensino superior, que ajudaria os estudantes a se situarem na universidade na ocasião do seu ingresso. A proposta foi bem interessante, principalmente pelo potencial de ser cursada por alunos de outros cursos e mediante a possibilidade de troca caso seja constatada uma maior afinidade com outro curso. Seria um passo na construção da universidade dos sonhos, uma vez que permitiria o conhecimento e a experimentação de outras possibilidades para promover uma escolha mais consciente. A possibilidade de incorporar visitas de campo e estabelecer contato com lideranças comunitárias, conforme sugerido pela Muriel, também enriqueceria a proposta.

A quinta apresentação consistiu na proposta da Muriel de criar um curso de facilitação gráfica composto por 4 módulos com potencial de virar um curso de educação à distância. Foi a primeira vez que tive contato com essa ferramenta e achei extremamente útil, uma vez que promove a democratização da informação e torna o conteúdo mais acessível ao entendimento.

A sexta e última apresentação do dia, elaborada pela Carol e Tatiana, consistiu na exposição de um curso anual de extensão “Solo Vivo e Conservação de Agroecossitemas, uma abordagem holística e multidisciplinar”. A proposta de oferecer um curso cíclico com o engajamento de grupos de pesquisa já existentes também foi bem atrativo.

Ao término das apresentações pensei na diversidade dos trabalhos e na dificuldade que tive para conseguir conceber e visualizar meu próprio projeto, uma vez que não me vejo em condições de ensinar nada de relevante. Tive vontade de freqüentar o curso de todos que apresentaram. E achei o trabalho da Muriel uma das coisas mais lindas que já vi, pois ela soube destinar sua habilidade para causas que considero nobres. Imaginar o sentimento de um(a) agricultor(a) ao ver-se representado a partir do seu trabalho me comoveu muito. Que grupo bonito que essa disciplina acabou por reunir...